

DEBATE/Gilberto Mestrinho e Fábio Feldmann

Os dois lados da defesa da Amazônia

MÔNICA MEDEIROS

MANAUS — O Mundo está com os olhos na Amazônia e hoje eles estão arregalados com a eleição de Gilberto Mestrinho para Governador. Suas idéias sobre a floresta são no mínimo polêmicas. Do ponto de vista da comunidade científica e de defensores do meio ambiente, são preocupantes. No entanto, ele é cuidadoso ao expressá-las. Não quer ser vis-

O GLOBO — É verdade que se precisa matar jacaré porque sua reprodução é tão grande que ameaça o ecossistema?

MESTRINHO — O problema do jacaré é uma questão de interesse local e internacional. O jacaré da Amazônia é muito voraz, come uma quantidade fantástica de peixe, ataca pessoas e animais. O que eu condeno é o direito de os países desenvolvidos poderem caçar e no Brasil ser proibido. Além disso, nosso caboclo teria uma vantagem enorme com a temporada de caça, desde que garantida a reprodução. Os países desenvolvidos criticam a caça no Brasil, mas não proibem a comercialização da pele. Não querem que se abata jacaré aqui porque tirariamos uma fatia do mercado deles. Isso é hipocrisia. Não aceito que São Paulo se mobilize em defesa do jacaré enquanto o caboclo está morrendo.

FELDMANN — Temos uma discordância com relação ao jacaré e ao manejo das espécies. Caça para subsistência é diferente da caça predatória. Acho que com relação ao Primeiro Mundo temos que colocar condições, exigir contrapartidas, mas nem por isso legitimar as atividades poluidoras e destruidoras. Pergunto se não poderíamos usar a floresta de uma forma que beneficiasse o caboclo e não prejudicasse a natureza, que não pertence somente a ele, mas a todos.

MESTRINHO — Concordo. Minha posição é justamente essa. Eu não sou contra a ecologia. Eu sou o único político do Amazonas que plantou árvores. Ninguém nunca me viu defendendo a derrubada para fazer pasto. O caboclo poderia ter o direito de matar o jacaré para comer e vender a pele.

O GLOBO — Mas isso não é temerário, ainda mais depois que o senhor declarou que não ajudaria a cumprir a legislação sobre preservação?

MESTRINHO — Não. Temos de estabelecer regras e, se legalizarmos a caça, ela passará a ser atividade rentável. O próprio caboclo, quando souber que o jacaré tem valor, vai zelar por ele como faz com o boi. Há um movimento sério de preservação do meio ambiente, mas há outros que usam a causa para defender interesses econômicos de outras partes do mundo que perderiam com a exploração da Amazônia.

FELDMANN — Fazer uma divisão entre o movimento ecológico ingênuo e honesto e o que está sendo usado por interesses econômicos é uma tese que vem sendo usada com muita veemência. Se o Governador do Amazonas, que tem a maior floresta do mundo, não tiver a capacidade de compreender que a década de 90 é a do meio ambiente, corre o risco de ficar contra a História.

O GLOBO — É verdade que a floresta está doente e, por isso, o senhor prega a derrubada para que o homem a use antes que se perca?

MESTRINHO — Eu nunca disse que todas as árvores estão doentes. Eu disse que tem trechos da floresta que está velho e isso é fácil de entender porque é um ciclo vivo. A floresta é muito fechada e não penetra o sol, o índice de umidade é um das mais altos do mundo. O adensamento da floresta é muito perigoso e precisamos ter cuidado mas acabar com essa história de não toca-la porque senão corremos o risco de acordarmos e não ter mais floresta.

FELDMANN — Algumas afirmativas do Governador são corretas em si mesmas, mas acho que ele faz algumas confusões que eu gostaria que esclarecesse. Ele coloca a vivência do homem da Amazônia em oposição ao saber científico, o que eu acho que não existe.

MESTRINHO — Eu concordo e aceito o conhecimento científico e não sou como aqueles que, quando Galileu disse que a Terra era redonda, o condenaram ao fogo. Há muitas "verdades" científicas que, tempos

como adversário da ecologia, mas não assume integralmente a proposta ambientalista.

O Deputado Fábio Feldmann (PSDB-SP), que se dedica à defesa do meio ambiente no Congresso, teve dificuldades de polemizar com Mestrinho no debate promovido pelo GLOBO em Manaus. Com habilidade, Mestrinho defendeu algumas teses do movimento ecológico para justificar práticas condenadas pelos am-

bientistas. Além disso, concordou sempre com o Deputado, até mesmo quando isso contradizia afirmações anteriores. O futuro Governador coloca sob suspeita o interesse dos países desenvolvidos na preservação da Amazônia e com discurso nacionalista defende a exploração da floresta em benefício dos habitantes da região.

Mestrinho começou o debate tenso, acendendo um cigarro

atrás do outro. Feldmann ficou um pouco nervoso porque o futuro Governador, com desenvoltura, passava ao largo das questões nevrálgicas da discussão sobre a conservação da floresta.

O Governador eleito se preparara para o debate, mas se equivocou nos cálculos para demonstrar que a Amazônia não acabará, como temem os ambientalistas. Segundo Mestrinho, se-

riam necessários 1.250 anos para que a floresta desaparecesse, se fosse desmatada na velocidade de mil hectares por dia. Ele chegou ao número confundindo quilômetros quadrados com hectares, o que daria 1.369. Mas a conversão da área da Amazônia (1.564.455 km²) para hectares indica que à velocidade alarmante de mil hectares/dia, o desmatamento total ocorreria em apenas 137 anos.

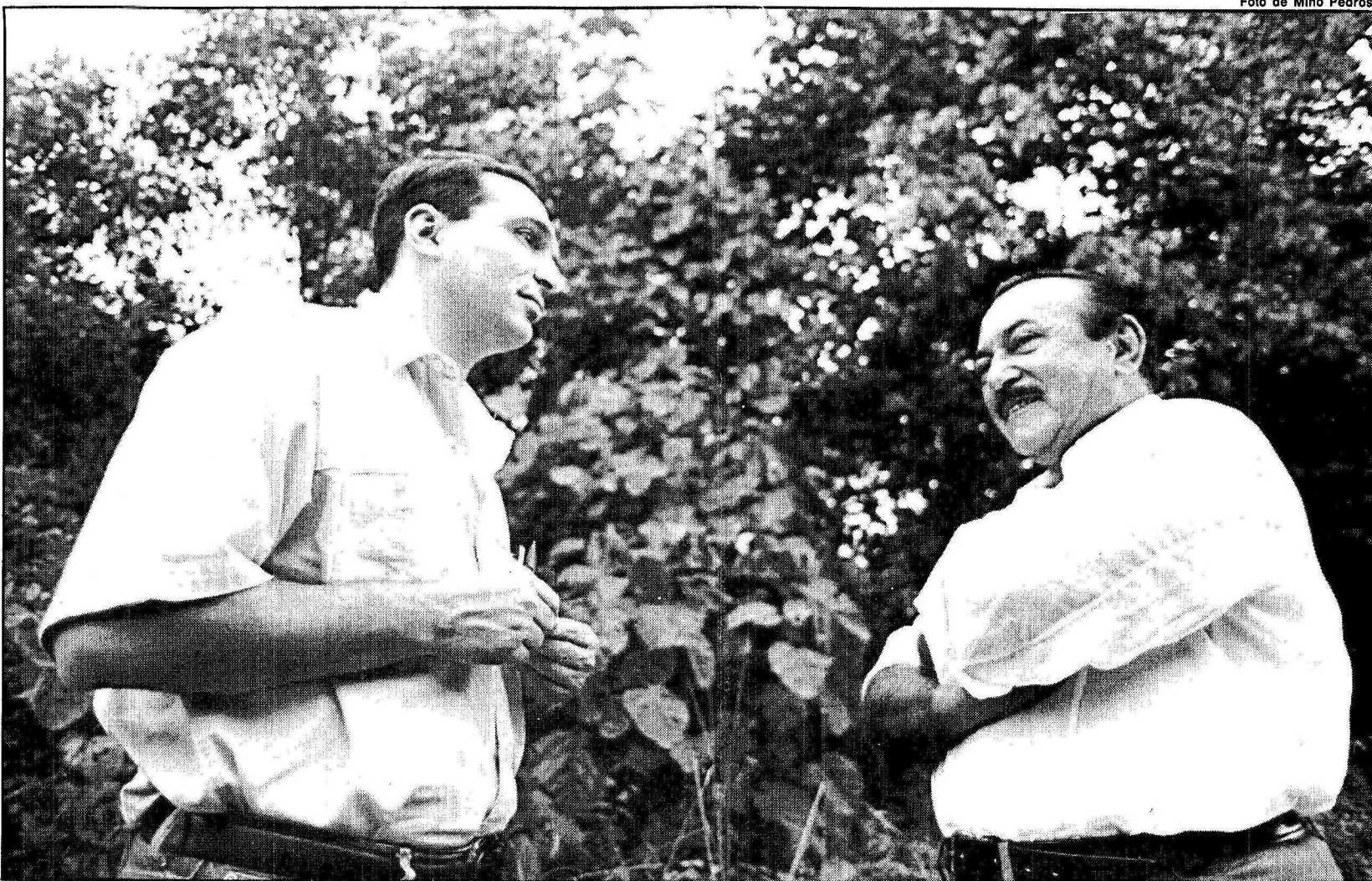


Foto de Mino Pedrosa

Fábio Feldmann teve dificuldade para polemizar com Gilberto Mestrinho, que usou teses ecológicas para justificar práticas que ambientalistas condenam

PONTO A PONTO, AS OPINIÕES DIVERGENTES

■ DESENVOLVIMENTO SUSTENTADO:

M — Sou a favor.
F — Absolutamente necessário.

■ FLORESTA INTACTA:

M — Contradição ao desenvolvimento sustentável.
F — Desejável, até certo ponto.

■ RESERVA EXTRATIVISTA:

M — Em algumas áreas, é viável.
F — Solução criativa e exemplar para alguns problemas da Amazônia.

■ PECUÁRIA:

M — Só nos campos naturais.
F — Com raras exceções, indesejável e predatória.

■ AGRICULTURA:

M — Só nas várzeas.
F — Só dentro da vocação da região.

■ MINERAÇÃO:

M — Só com empresa organizada.
F — Só discutindo como, por que e quem.

■ MADEIREIRAS:

M — Só dentro da lei.
F — Têm de ser limitadas e só com manejo florestal.

■ MOTO-SERRA:

M — O mundo inteiro usa motosserra.
F — Só com licença.

■ ECOLOGIA:

M — Somos o centro dela.
F — Tema fundamental da década.

■ REFORMA AGRÁRIA:

M — No Amazonas, não faz sentido. Falta gente para tanta terra.
F — Necessária, obedecendo à ecologia.

■ RESERVA INDÍGENA:

M — Não, se for dando a meia dúzia de índios um país.
F — Demarcação é compromisso da sociedade.

■ PRESSÃO INTERNACIONAL:

M — Temos que negociar.
F — Necessária como vetor de pressão sobre o Governo brasileiro.

■ CHICO MENDES:

M — Símbolo da luta pela tradição de trabalho da Amazônia.
F — Figura ímpar, cuja falta o movimento ecológico está sentindo.

■ IMPORTÂNCIA DA AMAZÔNIA:

M — Precisamos tirar proveito dela.
F — A região é o principal objeto de discussão da década.

■ ENTIDADES ECOLÓGICAS:

M — Há muitas sérias.
F — Fundamentais para o exercício da cidadania ecológica.

■ POLÍTICA DO GOVERNO FEDERAL PARA A AMAZÔNIA:

M — Ainda não dá para identificar.
F — Até agora inexistente.

■ QUEIMADAS:

M — Todos condenam.
F — Terão de ser eliminadas.

■ HIDRELÉTRICAS:

M — Com barragem, tecnologicamente superada.
F — É preciso repensar.

■ GARIMPO:

M — Sou contra.
F — Precisa compatibilizar a preservação ambiental e a sobrevivência de milhares de brasileiros.

■ IBAMA:

M — Muito sensacionalista.
F — A ação não é compatível com os novos conceitos.

■ FUNAI:

M — Não cumpriu seu papel.
F — Extinguir e substituir por outra.

Amazônia aproveitando essa curiosidade do mundo pela região?

FELDMANN — Existe hoje uma demanda grande para esses produtos.

MESTRINHO — É exatamente isso que temos de fazer, mas com produção organizada, em escala.

O GLOBO — Qual a verdade do papel de Chico Mendes?

MESTRINHO — Ele realmente teve um papel importante na luta pela manutenção da tradição do trabalho extrativista da sua região.

FELDMANN — Chico Mendes teve um papel importante na luta de resistência e na capacidade de perceber a importância de unir a luta da população com a luta ecológica.

os estrangeiros nos ajudem a plantar arroz, feijão, milho nas várzeas.

FELDMANN — Preocupa-me quando o senhor fala em cultura de grãos, que é danosa à ecologia, ao invés de assentar modelos completamente diferentes de exploração econômica da floresta. A grande potencialidade da Amazônia são as diferentes espécies vegetais e animais.

MESTRINHO — Mas imagina o tempo que levaríamos para mudar os hábitos alimentares do mundo para consumir nossos produtos.

FELDMANN — Mas o senhor está falando em exportação, quando ainda não resolvemos a questão da subsistência do caboclo.

MESTRINHO — No meu programa de governo, eu falo em auto-abastecimento do Estado.

O GLOBO — Não se pode explorar economicamente os produtos da

MESTRINHO — O Deputado pode ficar tranquilo, porque essa é a terceira vez que governo o Amazonas e ele continua sendo o estado mais preservado da Amazônia. Logo não sou esse devastador que dizem.

O GLOBO — Como será possível conciliar a pressão internacional pela preservação da Amazônia e os interesses locais?

MESTRINHO — Não queremos ser entrave nas negociações pela preservação, mas queremos preservar em nosso proveito.

FELDMANN — O mundo hoje é refém da Amazônia, na medida em que toda a vida do planeta depende dela. Acho que poderíamos aproveitar essa condição para de fato tentar desenvolver uma cara nova para a região, com desenvolvimento e preservação.

MESTRINHO — Exatamente. Que

depois, deixam de ser. Aquele cientista que estuda peculiaridades da Amazônia pode colaborar muito, mas aquele que vive em um país altamente desenvolvido e traça teorias sem conhecer sua realidade, aí tenho que duvidar. Essa idéia de que a Amazônia pode ser destruída não é verdade. A floresta tem 500 milhões de quilômetros quadrados. Se derrubarmos mil hectares por dia levaríamos 1.250 anos para acabar com ela.

FELDMANN — Eu não estaria tão descansado assim, Governador. Em 1989, foram destruídos 200 mil quilômetros quadrados de floresta e, em 1988, mais 120 mil. Há uma enorme preocupação com a sua eleição, porque foi em cima de um discurso anti-ecológico e de uma proposta de não aceitar o conhecimento científico e negá-lo com afirmações de senilidade da floresta, extinção de jacarés, sem entender que tudo faz parte de um equilíbrio ecológico, e de que vai impedir a ação do Ibama.

MESTRINHO — Sou favorável. Acho que foi uma das boas idéias do Governo que saiu. Acabou com uma série de problemas de fronteira, de tribos, com a luta de garimpeiros contra os índios e deu uma assistência melhor à região.

FELDMANN — Não concordo. O projeto não tem trazido resultados. Ao contrário, acho que ele agravou a situação dos índios e cito o exemplo dos ianomâmis. Apesar de trazer benefícios para alguns políticos locais, como investimentos e assistência, ele não foi discutido nem mesmo com os governos locais.

O GLOBO — Os índios ganham ou não com a demarcação das reservas?

MESTRINHO — Essa é uma aspiração das tribos. Se eles ganham ou não, é difícil julgar. O índio, mesmo isolado, vivendo nas condições naturais, é frágil.

FELDMANN — Eles só têm a ganhar. É uma aspiração legítima e fundamental para garantir sua sobrevivência na sua plenitude física e cultural.

O GLOBO — Qual o papel dos militares na preservação na Amazônia?

MESTRINHO — A presença militar na Amazônia é muito importante e positiva. São 11 mil quilômetros de fronteira seca e sua presença é civilizatória. Quando se monta um quartel, se cria um núcleo de ligação com a civilização. Os militares levam assistência médica, hábitos novos, recrutam pessoal, transmitem disciplina e organização.

FELDMANN — Essa concepção de ocupação territorial dentro de uma perspectiva geopolítica é lesiva e tem levado à destruição da região. O que não significa que certas funções não devam ser exercidas pelas Forças Armadas.

O GLOBO — O extrativismo é uma atividade econômica importante na região?

MESTRINHO — Não, o extrativismo, a não ser o da madeira, é racionalizado, não é atividade. Sua participação hoje na economia do Estado é de apenas 3%. Além disso, ele só se justifica se for acompanhado da melhoria da floresta. Porque em 1ha você tem 180 espécies vegetais e delas só uma ou duas são utilizáveis economicamente. Na Malásia, eles cortam as árvores e reflorestam com espécies mais homogêneas.

FELDMANN — A reserva extrativista não é uma solução para toda a Amazônia, porque ela é um complexo de ecossistemas, mas é válida para certas regiões.

O GLOBO — Qual a importância da mineração para o Amazonas?

MESTRINHO — A mineração feita pelas grandes empresas é uma alavanca para o desenvolvimento econômico. É uma atividade significativa, mas não tem grande participação na economia do Estado. Quanto ao garimpo, eu sou contra: não traz benefícios para ninguém, nem para o garimpeiro.

FELDMANN — Não tenho uma posição de não utilizar os recursos minerais mas, sim, de utilizar de maneira diferente da que vem sendo feita. Com relação ao garimpo, do jeito como é hoje, não traz benefícios nem para o meio ambiente nem para o garimpeiro, vítima do processo.

O GLOBO — O amazonense tem consciência de seu papel na preservação da Amazônia?

MESTRINHO — Tem sim. Nosso homem é conservacionista por natureza. O amazonense é acima de tudo conservador. Tanto é que há 35 anos me elege. (gargalhadas)

FELDMANN — (risos) Acho que tem sim, mas é perigoso generalizar, porque existe o predador.